

divina por sangue

p. c. cast

Tradução de Susana Serrão

Querida e estimada Leitora,

Divina por Sangue pode muito bem ter sido o livro mais difícil que já escrevi. Não por ter de concluir a história de Shannon — explicar Rhiannon — e contar as histórias das filhas, tudo num só livro! Custou-me escrever este livro porque foi como se me estivesse a despedir da minha família.

Não é segredo para ninguém (e para grande embaraço meu, por vezes) que eu tenha povoado os livros da série *Divina* com personagens baseadas em amigos e família. Uma personagem, em particular, é próxima do homem que a inspirou a ponto de me fazer sorrir só de pensar. É inquestionável que Richard Parker tenha sido moldado à imagem e semelhança do meu pai. Porquanto ele e/ou o seu fantasma constem de todos os livros sobre Partholon, é em *Divina por Sangue* que as palavras e os atos da personagem mais justiça fazem ao meu pai, Dick Cast. Dediquei muito amor e talvez até um pouco do meu coração na trilogia *Divina*; este último livro será sempre especial para mim — tão especial que me custou ver o fim. Espero que o espírito deste livro saiba tocar a leitora, como me tocou a mim.

Quem sabe, Partholon é um vasto mundo. Talvez haja mais histórias para eu contar...

Deixo votos de boa leitura e das maiores bênçãos.

P. C. Cast

AGRADECIMENTOS

Agradeço à equipa da LUNA, Mary-Theresa Hussey e Adam Wilson, excelentes companheiros de trabalho — como sempre, gostaria de agradecer à equipa maravilhosamente talentosa que criou as capas magníficas para os três livros da série *Divina*: o artista original, James Griffin, Erin Craig por estas capas atualizadas e a diretora artística da LUNA, Kathleen Oudit.

Como sempre também, agradeço à minha amiga e agente, Meredith Bernstein.

Obrigada, meu pai, pelas informações sobre ecossistemas, por encontrares um fundamento felino para a minha espécie ficcionada de gatos das cavernas, e por nos fazeres uma visita de estudo muito divertida às Grutas de Alabastro e às Grandes Planícies de Sal do Oklahoma (à Mamã Cast e à Laine Ann também!).

Gostaria de agradecer ao Parque Estatal das Grutas de Alabastro e às pessoas que lá trabalham pela graciosidade com que me ajudaram na investigação. Este parque fica no Noroeste do Oklahoma e vale bem a viagem. As Grandes Planícies de Sal do Centro-norte do Oklahoma também são um lugar fantástico. Sim, há cristais de selenite nas planícies, mas é preciso escavar, não é como eu os ficcionei. Só não é ficção a magia que encontrei nesses dois lugares. Para mais informações, contactar Alabastercaverns@OklahomaParks.com, e o Refúgio Nacional de Vida Selvagem das Planícies de Sal, 580-626-4794. Vão à descoberta do Oklahoma e vejam com os vossos próprios olhos!

Para a minha madrasta e o meu pai,
Mamã Cast e Velho Treinador, ou seja,
Mamã Parker e Richard Parker.
Com muito amor da Carocha.

PRÓLOGO



Não estava morta.
Não estava viva.
Na verdade, podia ter passado anos incontáveis simplesmente nas margens da existência. Sem morrer — sem viver. Apenas ser. Se não fosse a vida que sentia no ventre, e a raiva que sentia no peito. Antes de se lembrar de quem era, lembrava-se de que tinha sido atraída.

Sim, é bom sentir raiva...

A voz na mente dela não era sua, mas não lhe era estranha, e ela agarrou-a na busca de se reencontrar. Quem era? Onde estava? Como é que aquilo lhe acontecera?

Abriu os olhos. O negrume rodeava-a. Negrume e peso, como se estivesse dentro de água quente. Por momentos, o pânico assolou-a. Se estava debaixo de água, como é que conseguia respirar? Decerto estava morta. Morta e sepultada para a eternidade por crimes que não se lembrava de ter cometido.

Depois a criança dentro de si mexeu-se outra vez.

Os mortos não geravam vida.

Afugentou o pânico e o pânico obedeceu. O pânico nunca ajudava nada. Pensamento frio e lógico. Organização meticulosa e execução exata dos planos. Era essa a maneira de triunfar. Era dessa maneira que ela sempre triunfara.

Até agora.

Mas tinha sido traída. Por quem? A raiva aumentou e ela alimentou-a, canalizou a frustração e o medo.

Sim... Deixa a raiva purificar-te...

A consciência de si aumentou. A mente parecia menos entorpecida. Sentiu formigueiro no corpo. A raiva continuou a aumentar até ela sentir esse calor à sua volta. Essa energia.

Foste atraída... Foste atraída... Foste atraída...

As palavras circulavam-lhe na mente, faziam as recordações derrubarem as barreiras escuras que as escondiam.

Um castelo à beira-mar.

Sonhos que eram vislumbres da realidade.

Um templo feito de mármore com beleza e força magníficas.

O chamamento de uma deusa.

Era isso! Ela era divina! Ela era Escolhida de uma Deusa Grandiosa!

Rhiannon...

O nome irrompeu na sua mente e, com esse conhecimento, os diques que lhe represavam a memória abriram-se, e o passado estilhaçou-se nela.

Fora atraída pela sua Deusa!

Rhiannon recordava-se de tudo. As escolhas caprichosas que fizera na vida tinham-na deixado constantemente de candeias às avessas com a sua Grande Deusa Eponina. A violação que tinha sido o seu ritual de ascensão. O facto de Eponina nunca se contentar com nada do que ela fazia. A percepção de que ninguém em Partholon gostava verdadeiramente dela — de que apenas a veneravam por extensão à Deusa. A visão do Sono Mágico em que ela vislumbrara os demónios fomorianos a infiltrar-se no Castelo Guardião e a lançarem a destruição de Partholon. Os sussurros da escuridão que lhe indicavam outro caminho... Outro mundo... Outra escolha. A visão desse outro mundo que ela recebera com o poder daquela voz tenebrosa. A sua decisão de trocar de lugar com Shannon Parker, a mulher mundana desse mundo, cuja aparência física era tão semelhante à sua que poderiam ter nascido do mesmo ventre.

O corpo de Rhiannon estremeceu conforme recordava o resto. Clint, o Xamã que ela encontrara neste mundo, o reflexo do Sumo-Xamã de Partholon, ClanFintan, recusara-se a ajudá-la a manipular o poder daquele estranho mundo, onde a tecnologia era magia e a magia era um recurso quase inexplorado. Por conseguinte, vira-se obrigada a usar poderes negros para conjurar a ajuda de um criado.

Mas correrá mal, correrá muito mal. Clint convocara Shannon Parker de Partholon e os dois aliaram poderes para a derrotarem.

As árvores chamaram Shannon, e não Rhiannon, Escolhida de Eponina, Amada da Deusa.

Eponina já não chamava Rhiannon. A Deusa já não a reconhecia como sua Escolhida. Quando Rhiannon se apercebera disto, algo se quebrara dentro dela. Rhiannon sentiu náuseas só de recordar o quanto se tinha pensado perdida e temerosa. Mas a ferida já não estava tão fresca agora.

Eponina atraíra-a e permitira que a sepultassem, ao passo que a usurpadora Shannon tinha regressado em triunfo a Partholon e à vida que devia ser sua. E da sua filha.

Não foste atraída por todos...

Ela agora sabia de quem era a voz dentro da sua cabeça. Do Deus da Tripla Face, Pryderi.

Pryderi...

O nome circulou-lhe na mente, mas não como tinha sido a explosão do seu próprio nome. Antes pelo contrário, era um murmúrio cativante.

Eu ainda aqui estou contigo. Afinal, foram as mulheres quem sempre te atraíram. A tua mãe morreu e abandonou-te. Shannon roubou-te o que era teu de direito. Eponina virou-te costas porque não quiseste ser sua marioneta.

O deus tenebroso tinha razão. As mulheres sempre a haviam atraído.

Se te entregares e à tua filha a mim, nunca te trairei. Em troca da tua obediência, dar-te-ei Partholon.

Rhiannon queria fechar a mente à vizinha dentro de si que a advertia contra alianças com a escuridão. Apetecia-lhe ceder e aceitar a proposta de Pryderi imediatamente, mas não podia ignorar a desolação que a assolava só de pensar em devotar-se a outra divindade. Logicamente, sabia que já não beneficiava do favorecimento de Eponina — que a Deusa lhe virara costas para sempre. Porém, e embora Rhiannon tivesse buscado outros deuses... Outros poderes... Nunca dera esse passo final. O passo irreversível de rejeitar Eponina e de se entregar completamente a outra divindade.

Se o fizesse, nunca mais poderia voltar para Eponina. E se a Deusa decidisse ter-se equivocado? Se Rhiannon conseguisse livrar-se daquele cárcere horrendo e regressar a Partholon, poderia haver hipótese de Eponina a reconhecer mais uma vez como Escolhida. Especialmente depois de dar à luz a sua filha, cujo sangue teria a riqueza do legado multigeracional de sacerdotisas de Partholon.

O que dizes, Rhiannon? Irás jurar-me obediência?

Rhiannon sentiu o tom de voz mudado do deus. Deixara-o esperar por resposta tempo de mais. Apressadamente, acalmou a ansiedade e enviou-lhe pensamentos.

És sábio, Pryderi. Estou deveras cansada de ser traída. Rhiannon formulou a resposta com toda a cautela. Mas como posso jurar-me a um deus assim encarcerada? Sabes bem que uma sacerdotisa tem de ser livre para celebrar o ritual de ascensão que a vinculará como Escolhida de um deus.

Pryderi ficou calado tanto tempo que Rhiannon começou a recear ter abusado. Devia ter-lhe jurado obediência! E se ele a abandonasse agora? Podia ficar ali encurralada toda a eternidade.

É verdade que uma sacerdotisa tem de se entregar livremente a uma divindade. Teremos simplesmente de te libertar para te poderes entregar e à tua filha ao meu serviço.

A árvore que era um ventre vivo estremeceu e Rhiannon sentiu o coração acelerado. Jogara uma cartada e ganhara! Pryderi iria libertá-la! Rhiannon sentiu a tensão do peso que a oprimia... manietava... Sufocava.

Não é esse o caminho da liberdade. Tens de ter paciência, Preciosa.

Rhiannon susteve uma resposta torta. Não. Tinha de aprender com o passado. Não era sensato confrontar abertamente uma divindade...

O que devo fazer? Enviou este pensamento, moderou a frustração e formulou a pergunta num tom obediente e ávido.

Usa a tua afinidade com a terra. Nem Eponina ta pode tirar. Faz parte da tua alma — do sangue que te corre nas veias. Só que desta vez não te importarás com as árvores da Deusa. Busca os lugares recônditos. Sente as sombras dentro de sombras. Chama esse poder a ti, Preciosa. Está próximo o nascimento da tua filha. Quando ela nascer, também tu renascerás na terra. E numa nova era ao serviço de um deus.

Compreendo. Rhiannon concentrou-se. Não era nenhuma sacerdotisa novata. Sabia como manipular grande poder e canalizar a magia da terra. Buscar na escuridão não diferia muito de recorrer ao poder oculto das árvores. Recusou-se a pensar no que Shannon dissera — que as árvores a tinham ajudado de moto próprio e chamado Escolhida de Eponina. Rhiannon concentrou-se na escuridão — na noite e na sombra, e no manto de negrume que cobre a lua nova todos os meses.

Sentiu esse poder. Não era o assomo feroso que ela conhecera em Partholon quando a bênção de Eponina descera sobre ela, mas havia poder e estava atraído por ela.

Como um vaso que se enche lentamente, Rhiannon aguardou e a criança dentro de si cresceu.

PRIMEIRA PARTE



U M



Oklahoma

— **V**em aí tempestade. — John Águia de Paz contemplou o céu a sudoeste de olhos semicerrados. O neto mal levantou a cabeça da Playstation portátil com que estava a jogar.

— Avô, se tivesses cabo aqui, não andarias sempre a olhar para o céu. Poderias ver o canal da meteorologia, ou ver as notícias como toda a gente.

— Esta tempestade não se poderia prever por meios mundanos. — O velho Guardião da Sabedoria dos Índios Choctaw falou sem tirar os olhos do estudo que fazia do céu. — Agora vai. Leva a pickup e volta para casa da tua mãe.

Com isto, o adolescente desviou os olhos da consola.

— A sério? Posso levar a tua pickup?

Águia de Paz assentiu.

— Vou de boleia à cidade um dia desta semana e trago-a.

— Fixe! — O rapaz pegou na mochila e deu um abraço rápido ao avô. — Adeus, avô.

Só depois de Águia de Paz ouvir o motor da pickup e o som a esmorecer quando o rapaz entrou na estrada de terra batida que dava para a autoestrada da cidade é que começou a preparar-se.

Ritmicamente, o Guardião da Sabedoria tocava tambor. Não demorou muito. Não tardou a que se vissem vultos entre as árvores. Entraram na clareira ao lado da cabana como que trazidos pela violência crescente da ventania. À luz evanescente do dia que findava, pareciam fantasmas antigos.

John Águia de Paz sabia que não. Sabia a diferença entre espíritos e carne. Quando os seis se acercaram, ele falou.

— Ainda bem que vieram ao meu chamado. A tempestade desta noite não é só neste mundo.

— A Escolhida da Deusa voltou? — perguntou um dos Anciãos.

— Não, esta é uma tempestade negra. Alguém maligno.

— De que tens precisão?

— Temos de ir ao Bosque Sagrado e conter o que tenta libertar-se lá — respondeu Águia de Paz.

— Mas derrotámos o mal ainda há pouco tempo — disse o mais novo dos Anciãos da tribo. Águia de Paz fez um sorriso sombrio.

— Nunca se consegue verdadeiramente derrotar o mal. Enquanto os deuses derem livre-arbítrio aos moradores do mundo, haverá sempre quem escolha o mal.

— O Grande Equilíbrio — disse o jovem Ancião com ar pensativo. Águia de Paz assentiu.

— O Grande Equilíbrio. Sem luz, não há escuridão. Sem mal, o bem não tem contrapeso.

Os Anciãos fizeram sons abafados em concordância.

— Agora trabalhemos do lado do bem.

Rhiannon saudou as dores de parto. Significavam que chegara a altura de ela viver outra vez. A altura de regressar a Partholon e se reapoderar do que era seu de direito. Usou as dores para se concentrar. Pensou nelas como purificadoras. A ascensão ao serviço de Eponina não tinha sido um ritual indolor. Não esperava menos do que Pryderi lhe teria reservado.

O parto foi longo e difícil. Tendo estado desligada do seu próprio corpo tanto tempo, foi um choque ter sensibilidade súbita em músculos e nervos e na cascata de dores incapacitantes que irradiava dela como ondas de um remoinho.

Rhiannon tentou não repisar ideias de como aquele parto devia ter sido. Ela devia ter estado rodeada das suas aias e criadas. Ela devia ter sido banhada e mimada e apapricada — devia ter bebido infusões de ervas para adormentarem a dor e o medo. As suas mulheres nunca a deviam ter deixado para enfrentar o parto sozinha. E a entrada da sua filha em Partholon devia ter sido recebida com festejos de júbilo, bem como do sinal de que a Deusa Eponina estava contente com o nascimento da filha da sua Escolhida.

Não, não podia repisar esses pensamentos, embora albergasse a esperança secreta de que, quando a filha finalmente nascesse, Eponina voltasse

para ela e lhe desse um sinal — qualquer sinal, embora ela não estivesse em Partholon e aquela criança não fosse a primeira. Algures no negrume entre os assomos aparentemente infundáveis de dor, Rhiannon teve tempo para pensar na outra criança. O bebé que ela abortara. Arrependia-se do que fizera? De que serviria o arrependimento? Tinha sido uma escolha feita na juventude. Escolha que agora não podia desfazer.

Tinha de se concentrar na filha que estava a parir agora, e não nos erros do passado.

Quando o espasmo de contração seguinte a acometeu, Rhiannon abriu a boca para gritar, mesmo sabendo que, assim sepultada, a dor e a solidão não teriam voz.

Enganas-te, Preciosa. Não estás só. Contempla o poder do teu novo deus!

Com um ruído ensurdecedor, aquele túmulo vivo fendeu-se repentinamente e, numa rajada de líquido, Rhiannon foi expulsa do ventre da árvore antiga. Ficou deitada, ofegante e transida de frio, no tapete de erva. Foi abalada por um ataque de tosse. Pestanejou insistentemente, a tentar limpar a vista turva. O primeiro pensamento que teve foi para o homem que se sepultara com ela. Estremeceu e olhou para trás, para o buraco escancarado na árvore, à espera de ver o corpo de Clint. Preparou-se para o horror, mas só viu uma ligeira radiância cor de safira que esmorecia lentamente, como que absorvida nas entranhas da árvore ferida.

Sim, a memória estava intacta, e a mente também. Ela sabia onde estava — no Bosque Sagrado, no estado moderno do Oklahoma. Tal como esperava, tinha sido despejada da sua prisão dentro de um dos carvalhos idênticos. O outro permanecia inalterado ao lado do ribeiro baixo que corria por entre as árvores. Chegara o crepúsculo. O vento gemia à roda dela. O céu toldado anunciava perigosamente trovoadas, e a resposta foram fulgores de relâmpago.

Relâmpago... Devia ter sido isso que a libertara.

Fui eu quem te libertou.

A voz já não soava dentro da cabeça de Rhiannon, mas ainda tinha uma sonoridade incorpórea e sobrenatural. Vinha de baixo da árvore gêmea intacta, onde as sombras se adensavam.

— Pryderi? — A voz de Rhiannon soava roufenha e fraca, não parecia sua.

Com certeza, Preciosa, quem esperavas? A Deusa que te traiu? A gargalhada dele roçou na pele dela, e Rhiannon ficou a pensar como é que algo que soava tão belo podia causar uma sensação de tal crueldade.

— Não... Não te consigo ver. — Rhiannon arfou e foi acometida de outra contração.

O deus esperou que a dor amainasse e depois as sombras debaixo da

árvore mexeram-se. Formou-se um vulto ligeiro, para ser mais visível à luz evanescente do dia que findava. Rhiannon sentiu-se parar de respirar diante de tal beleza. Embora o corpo dele não se materializasse por completo neste mundo e tivesse o aspeto transparente de um espírito, o que a deixava ver as sombras através dele, aquela visão fez Rhiannon esquecer-se de que estava inchada pela gravidez. Alto e bem constituído, ele era imponente mesmo apenas em espírito. A juba de cabelo preto emoldurava um rosto que devia ter inspirado poetas e artistas, e não as histórias terríveis sussurradas em Partholon. Os olhos dele sorriam para ela e o rosto irradiava amor e simpatia.

Saúdo-te, minha sacerdotisa, minha Preciosa. Vês-me agora?

— Sim — sussurrou ela, abismada. — Sim, vejo-te, mas apenas como espírito. — Rhiannon sentiu-se zozza com aquela manifestação tão óbvia do favorecimento do deus. Era absolutamente magnífico — tudo o que um deus devia ser. De súbito, custou-lhe a crer que tivesse passado a vida a adorar Eponina, quando devia ter ajoelhado em súplicas aos pés daquele deus prodigioso.

É difícil para mim reter forma corpórea. Para que eu possa verdadeiramente existir em carne e osso, tenho de ser venerado. Tem de se fazer sacrifícios em meu nome. Tenho de ser amado e obedecido. É isso que tu e a tua filha farão por mim — tu vais levar o povo a encontrar-me outra vez, e eu depois reponho-te no teu lugar de direito em Partholon.

— Compreendo — disse ela, envergonhada por ter a voz tão fraca entre arquejos. — Vou...

Antes que pudesse terminar, aconteceram duas coisas em simultâneo, e ambas a emudeceram. A noite encheu-se repentinamente com os sons graves de tambores a rufar. Ritmicamente, como um coração que envia sangue ao corpo, a clareira encheu-se com uma pulsação funda e vibrante. No mesmo momento, Rhiannon viu-se tomada do ímpeto inabalável de fazer força.

As costas arquearam-se e as pernas dobraram-se, ato contínuo. Agarrou-se às raízes nodosas, a qualquer coisa que lhe prendesse o corpo tenso. O olhar perdido perscrutou as sombras onde Pryderi se materializara. Debilmente, Rhiannon viu-lhe o vulto espectral.

— Ajuda-me — gemeu.

O rufar dos tambores aumentava de volume. Nesse som retumbante ela ouvia agora cânticos, embora não discernisse as palavras. O vulto de Pryderi ondulou e, com um horror que emulava a dor que ameaçava fender-lhe o corpo, ela viu o rosto bonito ondular e transformar-se. A boca sensual estava cosida. O nariz passou a um buraco grotesco, os olhos já não sorriam nem eram bondosos. Coruscavam com uma luz amarela e inuma-

na. Nisto, antes que ela pudesse voltar a arquejar, a aparição mudou outra vez. Os olhos tornaram-se fossos negros e vazios e a boca escancarou-se para exibir dentes ensanguentados e a goela a escorrer baba.

Rhiannon gritou de medo, raiva e dor.

Os tambores e os cânticos soaram mais alto e mais perto.

A imagem de Pryderi mudou e ele voltou a ser o deus inumanamente belo, mas quase invisível agora.

Nem sempre posso ser belo, nem mesmo para ti, Preciosa.

— Vais abandonar-me? — gritou ela quando a necessidade imperiosa de fazer força amainou um momento. Embora aquela figura em metamorfose a aterrorizasse, tinha ainda mais medo de enfrentar o parto sozinha.

Os que se aproximam obrigam-me a partir. Não os posso combater esta noite. Não tenho essa força neste mundo. Os olhos dele coruscaram como verrugas nos dela e o corpo quase solidificou. Rhiannon MacCallan, procurei-te durante décadas. Assisti à multiplicação da tua infelicidade enquanto estavas acorrentada a Eponina. Deves fazer a tua escolha agora, Rhiannon! Já viste todas as minhas formas. Renuncias à Deusa e entregas-te a mim como sacerdotisa, Encarnação minha Escolhida?

Rhiannon sentiu a cabeça muito leve com a dor e o medo. O olhar percorria o bosque, em busca de sinal de Eponina, mas nada viu da sua luz divina. Tinha sido entregue à escuridão — a escuridão que há anos a perseguia. Que alternativa poderia ter? Não concebia a sua existência sem ser Escolhida de uma divindade. Como poderia viver sem o poder que esse estatuto conferia? Porém, mesmo a tomar essa decisão, Rhiannon não conseguia obrigar-se a renunciar a Eponina abertamente. Aceitaria Pryderi. Isso teria de bastar ao deus.

— Sim, vou entregar-me a ti — disse em voz fraca.

E a tua filha? Prometes-me a tua filha também?

Rhiannon rejeitou o aviso que a alma lhe sussurrou.

— Vou...

As palavras foram interrompidas pelo grito de guerra agudo de sete Anciãos tribais quando os homens entraram no bosque, num círculo cerrado à volta das duas árvores. Com um rugido que estarreceu o coração de Rhiannon, o espírito de Pryderi dissolveu-se nas sombras.

A dor assolou o corpo de Rhiannon outra vez e ela só pôde reagir ao ímpeto de fazer força. Nisto, viu-se apoiada por mãos fortes. Abriu a boca e os olhos. O homem era velho. O rosto profundamente vincado e o cabelo comprido muito branco. Tinha uma pena de águia atada a uma madeixa. Os olhos... Rhiannon concentrou-se na bondade daqueles olhos castanhos.

— Ajuda-me — sussurrou.

— Estamos aqui. A escuridão foi-se. Já é seguro que a tua filha entre no mundo agora.

Rhiannon agarrou nas mãos do estranho. Fez força com toda a determinação de um corpo abalado pela dor. Nisto, ao som dos tambores de antanho, a filha saiu-lhe do ventre.

Quando nasceu, foi Eponina e não Pryderi quem Rhiannon chamou.

DOIS



O velho cortou com a faca o cordão que ligava mãe e filha. Depois embrulhou o bebê numa manta tecida em casa e passou-a a Rhiannon. Quando olhou a filha nos olhos, pareceu a Rhiannon que o mundo mudava irrevogavelmente. Sentiu a mudança no mais fundo do seu ser. Nunca vira tal milagre. Nunca na vida se sentira assim. Nem quando ouvira a voz de Eponina pela primeira vez — nem quando vivera pela primeira vez o poder de ser Escolhida por uma Deusa — e nem quando vira a beleza terrível de Pryderi.

Isto, pensou Rhiannon, maravilhada, a tocar na face impossivelmente macia da filha, é magia verdadeira.

Sentiu outra onda de contrações e arfou. Segurou bem a menina junto ao peito e tentou concentrar-se apenas nela enquanto expelia as secundinas. Rhiannon ouviu o velho a dar ordens a alguém, e compreendeu a urgência na sua voz. Porém, os tambores continuaram a rufar àquele ritmo de antanho, e a filha sabia-lhe tão bem nos braços...

Rhiannon não conseguia parar de a contemplar. A bebé olhava também com olhos grandes e escuros que continuavam a comover a alma da mãe.

— Tenho estado tão enganada.

— Sim — murmurou o velho. — Sim, Rhiannon, tens estado enganada.

Rhiannon tirou os olhos da filha e mirou o velho. Foi com alheamento que o viu ajoelhado ao seu lado e a segurar num rolo de trapo firmemente

entre as pernas dela. Que estranho, não o sentira fazer nada disso. Aliás, pouco ou nada sentia do próprio corpo, e ficou aliviada quando a dor parou. Depois o pensamento concentrou-se no que ele dissera.

— Sabes quem sou.

Ele assentiu.

— Estive aqui no dia em que o Xamã Branco sacrificou a vida para se sepultar contigo na árvore sagrada.

Foi um choque para Rhiannon reconhecer o chefe dos índios que derrotara o demónio Nuada.

— Porque me estás a ajudar agora?

— Nunca é tarde para um morador da terra mudar o caminho escolhido. — O Ancião calou-se, a estudá-la em silêncio, e depois continuou: — Estavas destrozada, mas creio que esta criança sarou o teu espírito. — O sorriso dele era bondoso. — Ela deve ser uma enorme força de bem se só por nascer foi capaz de sarar tanto.

Rhiannon embalou a filha, bem segura no seu peito.

— Morrigan. Ela chama-se Morrigan, neta de MacCallan.

— Morrigan, neta de MacCallan. Não me esquecerei do seu nome e di-lo-ei verdadeiramente. — Os olhos dele não a desfitaram e Rhiannon teve um mau pressentimento, ainda antes de ouvir as palavras que se seguiram. — O teu corpo tem algo que se destrozou. A hemorragia é grande, e não quer parar. Mande buscar a minha pickup, mas só daqui a horas conseguiremos chegar a um médico.

Ela fitou-o e leu a verdade nos seus olhos.

— Estou a morrer.

Ele assentiu.

— Creio que estás. O teu espírito sarou, mas o teu corpo está destrozado e não tem salvação.

Rhiannon não sentiu medo nem pânico, e não sentia efetivamente dor alguma. Conhecia apenas uma terrível sensação de vazio. Olhou para a filha recém-nascida que a contemplava com tanta confiança e, com a ponta do dedo, percorreu-lhe a face macia. Não veria Morrigan crescer. Não estaria lá para tomar conta dela e garantir a sua segurança...

— Oh, Deusa! O que fui fazer?

O velho não tentou iludi-la. O olhar era acutilante e sábio.

— Conta-me, Rhiannon.

— Prometi-me a Pryderi. Ele também queria que eu promettesse a minha filha, mas a vossa presença afugentou-o antes que eu lha pudesse entregar.

— Pryderi é maligno? Deus das Trevas? — perguntou ele logo.

— Sim!

— Tens de lhe renunciar. Por ti e por Morrigan.

Rhiannon olhou para Morrigan. Se renunciasse a Pryderi por ambas, havia toda a probabilidade de a filha ficar presa neste mundo. Talvez nem conseguisse recorrer aos pequenos fios de poder que Rhiannon descobrira. Morrigan nunca voltaria para Partholon.

Porém, se não renunciasse a Pryderi, a filha estaria destinada a servir a mesma escuridão que Rhiannon reconhecia agora ter-lhe ensombrado a vida inteira, a sussurrar descontentamento, a fazer eco da raiva e do egoísmo e do ódio e, mais destrutivo ainda, a adulterar o amor em algo irreconhecível.

Rhiannon não suportava a ideia de que a vida da filha ficasse manchada como a sua ficara. Se Morrigan ficasse presa neste mundo, paciência. Pelo menos não ficaria presa nas mentiras do mal também.

— Renuncio a Pryderi, o Deus da Tripla Face, e rejeito a sua posse sobre mim, e sobre a minha filha, Morrigan MacCallan — proferiu Rhiannon. Depois aguardou. Era sacerdotisa e Escolhida de uma deusa poderosa desde pequenina, e sabia muito bem a seriedade de renunciar a uma divindade. Devia haver um sinal, interior ou exterior, que mostraria essa alteração no Destino. Os deuses não toleravam rejeições, especialmente os deuses tenebrosos.

— O tenebroso sabe que estás à beira da morte e muito perto do reino dos espíritos. A sua posse sobre ti é firme. Não te vai libertar.

O velho falou baixinho, com brandura, mas Rhiannon sentiu que as palavras lhe cortavam o coração. Embora se sentisse cada vez mais fraca, obrigou os braços a segurarem bem o corpinho da filha.

— Não lhe prometi Morrigan. Pryderi não tem posse sobre ela.

— Mas ainda estás vinculada a ele — contrapôs o velho em voz grave.

Rhiannon estava a soçobrar à exaustão que já lhe toldava a vista. Tinha frio. Desejou que o velho xamã se fosse embora e a deixasse olhar para a filha em paz até...

— Rhiannon, tens de me ouvir! — Ele sacudiu-a. — Se morreres vinculada a Pryderi, o teu espírito nunca mais conhecerá a presença da tua Deusa. Nunca mais saberás o que é a luz ou a alegria. Passarás a eternidade amortalhada na noite do deus tenebroso e no desespero que mancha tudo em que ele toca.

— Eu sei — sussurrou ela. — Mas estou farta de lutar. Parece que passei a vida inteira a lutar. Fui egoísta, causei muito sofrimento. Fiz muito mal. Talvez seja altura de pagar por isso.

— Talvez seja, mas a tua filha também deve pagar pelos teus erros?

As palavras sacudiram-na e ela piscou os olhos para dissipar o negro que os toldava.

— Claro que não deve. O que estás a dizer, Ancião?

— Tu não lha prometeste, mas Pryderi deseja uma sacerdotisa com sangue da Escolhida de Eponina nas veias. Contigo morta, quem pensas que será a sua próxima vítima?

— Não! — Mas ela sabia que o velho tinha razão. Pryderi admitira que a seguia há décadas. Não se contentaria com menos para a filha dela. Rhiannon estremeceu. Morrigan não seria assombrada pela escuridão a que ela permitira sussurros e engodos, e que adulterara o seu amor pela Deusa em algo horrendo. — Não — repetiu. — Morrigan não será a escolha seguinte dele.

— Então deves chamar a tua Deusa para obrigar Pryderi a abdicar da posse sobre ti.

Rhiannon sentiu-se desesperar.

— Eponina não quer nada comigo.

— Mas tu renunciaste ao vínculo com ela?

— Fiz coisas que lhe são abomináveis. — Pela primeira vez na vida, Rhiannon admitiu que tinha sido ela a trair a fé na Deusa muito antes de Eponina deixar de falar com ela. — Ela já não me ouve.

— Talvez a Deusa tenha estado à espera de ouvir as palavras certas da tua boca.

Rhiannon olhou para os olhos do xamã. Se houvesse a mais ínfima possibilidade de ele ter razão, ela tentaria. Ela chamaria Eponina. Estava à beira da morte — talvez a Deusa se apiedasse dela. Rhiannon já sentia o véu de bruma que lhe amortalhava o corpo e a adormentava perante este mundo. Decerto até em Partholon Eponina saberia o que lhe acontecera. Rhiannon fechou os olhos e concentrou-se.

— Eponina, Grande Deusa de Partholon, Deusa da minha juventude, Deusa do meu coração. Por favor, ouve-me uma última vez. Perdoa os meus erros de egoísmo. Perdoa por permitir que a escuridão manchasse a tua luz. Perdoa-me pelo sofrimento que te causei e a outros. — Rhiannon calou-se, num esforço de concentração e de barragem contra a dormência opressiva que lhe percorria o corpo. — Eu sei que não mereço os teus favores, mas rogo-te que impeças Pryderi de reclamar a minha alma e a da minha filha.

O vento pegou nas palavras dela e sacudiu-as e abanou-as até soarem como chuva a fustigar as folhas de outono. Rhiannon abriu os olhos. As sombras por baixo da grande árvore sagrada, gémea da árvore destruída a cujos pés ela jazia, começaram a mexer-se e o seu coração acelerou de pânico. Pryderi voltara para a reclamar sua, apesar da presença do xamã e do poder dos tambores de antanho? Nisto, uma bola de luz irrompeu no ar e expulsou a escuridão. No centro dela uma figura começou a formar-se.

Rhiannon ficou sem fôlego e os olhos marejados de lágrimas. O velho xamã curvou a cabeça em sinal de respeito.

— Bem-vinda, Grande Deusa — disse ele. Eponina sorriu para o An-
cião.

*John Águia de Paz, pelos teus atos e pela tua dedicação desta noite, tens a
minha gratidão e a minha bênção.*

— Obrigado, Deusa — agradeceu ele com solenidade.

Depois Eponina contemplou Rhiannon. Esta, com uma mão trémula, secou as lágrimas dos olhos para poder ver a Deusa com mais clareza. Na infância, Eponina materializara-se várias vezes mas, quando Rhiannon entrara nos anos rebeldes da adolescência, e se fizera uma adulta egoísta e mimada, a Deusa deixara de a visitar, deixara de falar com ela e, com o tempo, deixara de a ouvir. Agora Rhiannon sentia a própria alma revitalizada ao contemplar a sua Deusa.

— Perdoa-me, Eponina! — rogou ela.

*Perdoo-te, Rhiannon, perdoei-te ainda antes de me pedires. Também eu
tenho culpa. Eu vi a tua fraqueza e sabia que a tua alma estava a ser corte-
jada pela escuridão. O meu amor por ti cegou-me e não vi a autodestruição
em que estavas.*

Rhiannon reprimiu os pretextos que lhe vinham à ideia tantas vezes.

— Eu estava enganada — e não disse mais. Depois respirou fundo, debateu-se contra a dormência que queria roubar-lhe até as palavras. — Eponina, rogo-te que acabes com o vínculo que Pryderi tem comigo. Renunciei-o mas, como sabes, estou moribunda. A posse que ele tem sobre a minha alma é forte.

Eponina estudou atentamente a sua sacerdotisa caída antes de inquirir:

*Porque me pedes tal coisa, Rhiannon? É por receares o que acontece ao
teu espírito depois da morte?*

— Deusa, agora que a morte está perto, vejo com clareza muitos aspetos da minha vida. — Rhiannon olhou para a criança que ainda embalava nos braços enfraquecidos. — Ou talvez seja a presença da minha filha o que me ajudou a ver sem olhos vendados. — Rhiannon olhou para a Deusa. — A verdade é que, sim, tenho receio de passar a eternidade em desespero e escuridão, mas não te chamaria para me salvars de uma sina que sei merecer. — Rhiannon engasgou-se, tossiu, e teve de arfar várias vezes antes de poder continuar. — Chamei-te porque não suporto a ideia de a minha filha ser levada para a mesma escuridão que envenenou tanto da minha vida. Se acabares com o vínculo que Pryderi tem sobre a minha alma, não peço para entrar nos teus prados, só peço para ter existência no Outro Mundo, onde posso velar pela minha filha e tentar sussurrar-lhe o bem quando o deus negro sussurrar o mal.

A eternidade no Outro Mundo não é destino fácil. Não há repouso possível — não há prados de luz e riso para socorrer a tua alma cansada.

— Não desejo repousar enquanto a minha filha estiver em perigo. Não desejo que ela siga o meu caminho.

Os anos da vida da tua filha não serão mais que uma ondulação no lago da eternidade. Pedes verdadeiramente uma sina interminável por algo que é, na sua essência, transitório?

Rhiannon encostou a face pálida à cabecinha macia da bebé.

— Peço, Eponina.

A Deusa sorriu e, mesmo assim moribunda, Rhiannon sentiu-se plena de uma alegria indescritível.

Finalmente, Amada minha, conquistaste o egoísmo no teu espírito e seguiste o coração. A Deusa esticou os braços acima da cabeça. *Pryderi, deus das trevas e das mentiras, não abduco da posse que é meu direito sobre esta sacerdotisa! Não terás a sua alma sem primeiro me derrotares!* Das palmas das mãos da Deusa jorrou luz, uma luz que fendeu as sombras já recolhidas na orla da clareira. Com um guincho horrível, a escuridão contranatura dissipou-se por completo, e deixou o que Rhiannon reconhecia agora ser apenas a noite normal e reconfortante anunciada pelo crepúsculo.

— O meu espírito parece-me leve — sussurrou ela para a filha.

Porque, pela primeira vez desde pequenina, o teu espírito está livre da influência da escuridão.

— Há muito que devia ter escolhido este caminho — disse Rhiannon em voz débil.

O sorriso de Eponina resumava, mais uma vez, uma bondade infinita. *Não é tarde de mais, Amada.*

Rhiannon fechou os olhos perante a vaga de emoções que lhe esgotava a pouca força remanescente.

— Eponina, sei que não estamos em Partholon, e que já não sou tua Escolhida, mas gostaria que saudasses a minha filha. — A voz já quase não se ouvia.

Sim, Amada. Em nome do meu amor por ti, saúdo Morrigan, neta de MacCallan, e concedo-lhe a minha bênção.

Rhiannon abriu os olhos quando ouviu asas a bater. Eponina desaparecera, mas no Bosque Sagrado viam-se milhares de pirilampos que esvoaçavam em redor dela e da bebé embalada nos seus braços. Naquela luz evanescente, alumiam o ar como se as estrelas se tivessem despedido temporariamente do firmamento apenas para dançarem na clareira a festejar o nascimento da filha.

— A Deusa ouviu-te a súplica — disse o velho em tom reverente. — Não te esqueceu. Não esquecerá a tua filha.

Rhiannon olhou para ele e teve de pestanejar muito para lhe focar o rosto.

— Xamã, tens de me levar para casa.

Ele fitou-a.

— Não tenho poder para te devolver ao Outro Mundo, Rhiannon.

— Eu sei — disse ela em voz fraca. — Leva-me de volta à única casa que conheço neste mundo: a de Richard Parker, o reflexo de meu pai, o MacCallan. — Rhiannon fez uma careta e afugentou a recordação da voz de Shannon Parker a dizer-lhe que, em Partholon, o seu pai tinha morrido. — Leva o meu corpo e apresenta-lhe Morrigan como sua neta. Diz-lhe... — Rhiannon hesitou, tentando debelar a dormência que a assolava. — Diz-lhe... Que eu acredito no seu amor e que ele fará o mais acertado.

O xamã assentiu com solenidade.

— Como hei de encontrar Richard Parker?

Rhiannon conseguiu dar indicações simples para o pequeno rancho de Richard Parker nos arredores de Broken Arrow. Felizmente, o velho não fez perguntas e parecia compreender as palavras que ela proferia arquejante.

— Farei isso por ti, Rhiannon. Também farei preces pelo teu espírito no Outro Mundo. Faça votos de que possas velar por que a tua filha esteja sempre sã e salva.

— A minha filha... Morrigan MacCallan... Abençoada por Eponina... — sussurrou Rhiannon. Já não conseguia debelar a dormência. Ainda com a filha bem segura contra o peito, deixou que a cabeça se lhe encostasse à raiz da árvore. Enquanto os pirilampos dançavam em redor e ao ritmo dos tambores de antanho, Rhiannon, Sacerdotisa de Eponina, deixou de existir.